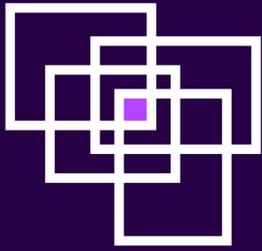




PROJETO

PÓS-PANDEMIA

Passamos por anos difíceis em todos os âmbitos de nossas vidas em decorrência do surgimento da Covid-19. Com o fim das explosões da doença e retomado o cotidiano em quase a sua normalidade, estamos vivendo tempos de reflexão. Cada um de nós realiza um “balanço” sobre os conhecimentos adquiridos nessa época caótica. E no mundo corporativo? As empresas estão preocupadas em conscientizar seus colaboradores sobre a importância da retenção dos aprendizados gerados no período Covid? A Auditoria Interna pode auxiliar nesse trabalho?



43^a EDIÇÃO
CONBRAI2023
CONGRESSO BRASILEIRO DE AUDITORIA INTERNA

EVENTO
HÍBRIDO

26 a 28 de NOVEMBRO

MUNDO HÍBRIDO

A integração entre passado,
presente e futuro
na Auditoria Interna

conbrai.com.br

SAVE
the
DATE

Realização



07



CAPA - VOZ DO CONSELHO | O QUE FICOU?

Trazemos como destaque desta edição um artigo elaborado por Márcia Pereira, vice-presidente do Conselho de Administração do IIA Brasil (gestão 2023/2025), que coloca em pauta a necessidade das empresas elaborarem um projeto pós-pandêmico. Entenda!

05 EDITORIAL | QUAIS SÃO AS FRONTEIRAS?

Debora Lelis, diretora de Serviços aos Associados do IIA Brasil (gestão 2023/2025), apresenta reflexão sobre o papel do auditor nas apurações de fraude, em meio a um cenário de identificação de erros contábeis no mercado.

13 ARTIGO TÉCNICO | VALUE AT RISK (VAR)

Em uma exposição rica em detalhes técnicos, nossos leitores poderão conhecer diferentes métodos para a obtenção de evidências de auditoria apropriadas e suficientes em análises desenvolvidas nas *fintechs*.

17 OPINIÃO | CAUTELA

As funções dos auditores internos estão sempre sujeitas a adaptações geradas por movimentos da Economia, Sociedade e Política. Quais são os conceitos principais de Auditoria que precisam ser mantidos nessas mudanças? Confira!

EXPEDIENTE

Ano 4 | Edição 36 | Julho e Agosto 2022

A **AIM** é uma publicação do Instituto dos Auditores Internos do Brasil. Rua Barão do Triunfo, 520 – cj. 42 (4º andar). Brooklin Paulista. São Paulo (SP).
Contato: +55 (11) 5503.4040 | iiabrasil.org.br



**Instituto dos
Auditores Internos**
do Brasil

• **Produção Editorial e Revisão:** Agência Stóia e IIA Brasil
• **Projeto Gráfico | Diagramação:** Elisangela Hiratsuka | Tiago Cruz
• **Jornalista Responsável / Editor:** Tiago Cruz | DRT: 6.300 (PR)
• **Imagem da capa:** jannoon028 / Freepik
• **Redação:** marketing@iiabrasil.org.br
• **Conselho Editorial | Diretoria Executiva (Gestão 2021/2022):** Paulo Roberto Gomes, Juliano Berton da Silva, Ricardo Henrique Baras, Debora Lage Martins Lelis (CIA, CCSA, CRMA) e Cristiane da Cunha Casagrande.

• **Conselho de Administração (Gestão 2021/2022):** Isabel Cristina Bittencourt Santiago (CIA, CRMA), Fábio de Figueiredo Pimpão (CIA, CCSA, CRMA), Tânia Mara Cordeiro (CCSA), Márcia da Rosa Pereira (CIA, CCSA), Hélio Takashi Ito (CCSA, CRMA), Walkyria Aparecida Augusto (CIA, CCSA, CRMA), Tikara Yoneya (CIA, CRMA) e Carlos Renato Fontes Trisciuzzi (CIA, QIAL, CRMA, CCSA, Contados, MSc.).



Entenda o papel do auditor interno, e as habilidades exigidas desse profissional, quando *red flags* surgem nos processos de análise de dados.

CABE AO AUDITOR O TRABALHO DE DETECÇÃO E APURAÇÃO DE FRAUDE?

Por Debora Lage Martins Lelis (CIA, CCSA, CRMA)

Diretora de Serviços aos Associados do IIA Brasil (Gestão 2023/2025)



Foto: IIA Brasil

Fatos noticiados recentemente trouxeram à tona novamente a discussão sobre o papel do auditor frente à identificação de erros contábeis e fraudes de toda sorte. É correto afirmar que tais situações visam identificar o *modus operandi* aplicado aos casos e a apuração de responsabilidades. No entanto, a reflexão que faço aqui é principiológica: qual é o papel do auditor interno na identificação de fraudes?

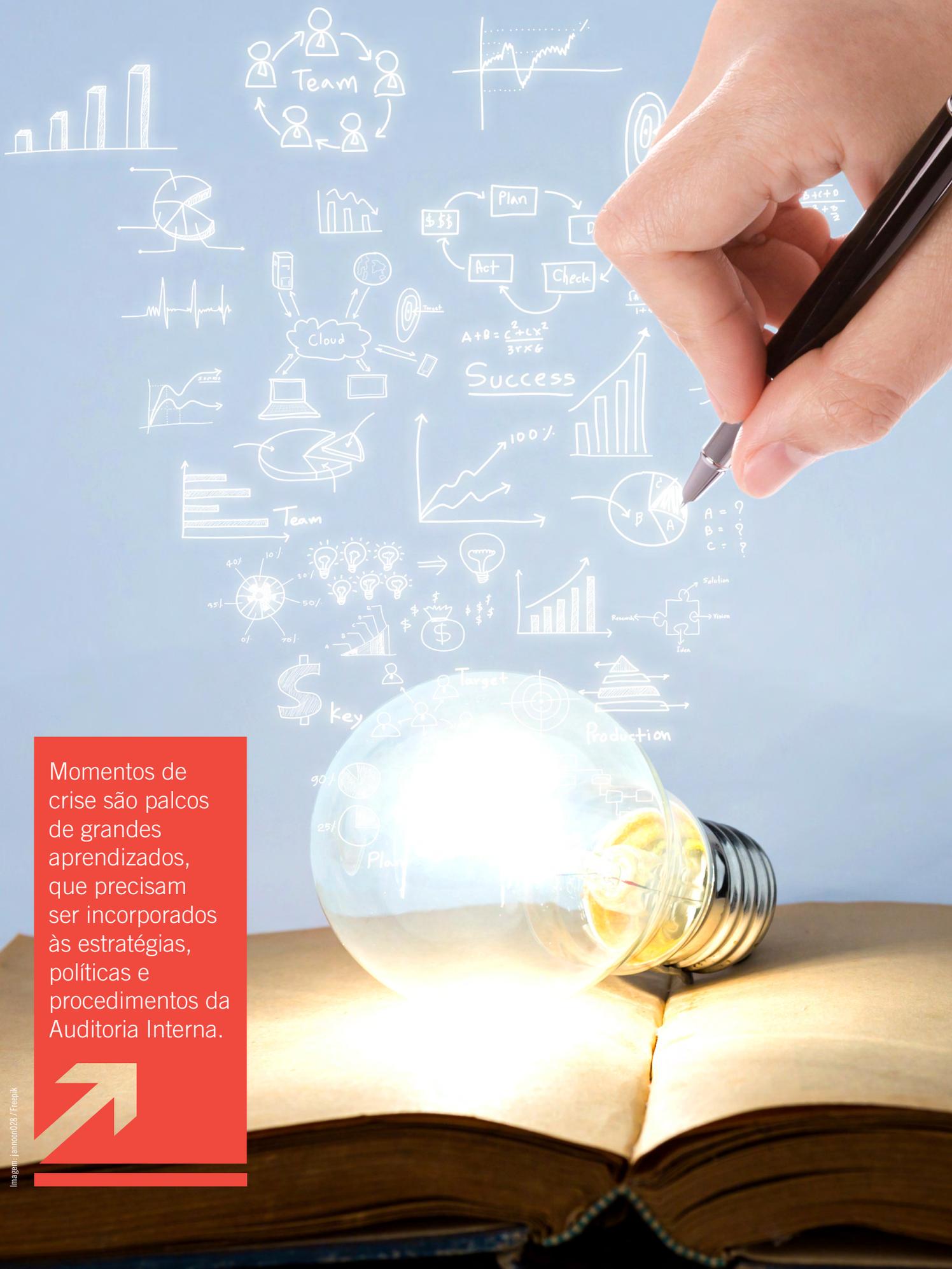
Anualmente, pesquisas são atualizadas e sempre apontam que a maioria das fraudes são descobertas por meio de denúncias (42% delas, segundo o *ACFE Report to the Nations 2022*) – o que reforça a importância de que a governança inclua canais anônimos e, preferencialmente, externos à organização. Mas ao auditor, que tem a missão de agregar valor aos processos da companhia por meio de sua abordagem sistemática de gestão de riscos, o que cabe fazer nesse contexto?

Sabemos que a metodologia aplicada ao

trabalho de avaliação de processos orientada a risco difere das técnicas de investigações corporativas utilizadas para a apuração de fraudes. Porém, em qual momento o auditor interno deve atentar para o risco de fraude associado ao processo sob sua avaliação e como assegurar que esteja adequadamente endereçado?

Red flags podem surgir ao longo do trabalho e o auditor precisa ter as habilidades necessárias para decifrá-las. Mas, para além de uma análise situacional, são nas primeiras etapas do trabalho que os riscos de fraude devem ser avaliados. Nesse sentido, o levantamento preliminar é de suma importância e precisa ser criterioso na análise de histórico de falhas, existência de denúncias e/ou investigações internas no processo etc.

Um bom planejamento e uma execução atenta permitem que o auditor interno, mesmo que não tenha a atribuição principal de detecção de fraudes, mapeie situações de risco e *red flags*. Desse modo, em conjunto com outros mecanismos de governança corporativa, a Auditoria Interna pode contribuir para a prevenção e redução de perdas das organizações. **AI**



Momentos de crise são palcos de grandes aprendizados, que precisam ser incorporados às estratégias, políticas e procedimentos da Auditoria Interna.



O QUE APRENDEMOS COM A PANDEMIA E COMO SEGUIMOS PARA 2023?

Por Márcia da Rosa Pereira (CIA, CCSA)

Vice-presidente do Conselho de Administração do IIA Brasil (Gestão 2023/2025)

O futuro é hoje! O mundo está mudando na velocidade da luz e precisamos acompanhar as transformações. Os desafios para 2023, na medida em que o mundo emerge da Covid-19 (e, por vezes, submerge), são imensos e intensos. Nesse cenário, surgiram novos riscos; o trabalho remoto virou uma alternativa necessária que, aos poucos, transforma-se em realidade; novas habilidades e competências tiveram que ser desenvolvidas; e fomos obrigados a nos reinventar como pessoas e profissionais em um curto espaço de tempo.

Além disso, as crises, tais como as econômicas, avançam no planeta e provocam diversas formas de pressão nas organizações. Uma delas, por exemplo, diz respeito à recuperação de resultados – o que provoca aumento da probabilidade do risco de fraudes. Tudo isso pode gerar impacto, inclusive, na continuidade do negócio.

Fomos chamados a traçar, em tempo recorde, novos caminhos, e convocados a fazer a diferença, lidando com o inesperado. Saímos vitoriosos. Mas, 2023 está aí e parece que sequer tivemos tempo para realizarmos um balanço e pensarmos em ações propositivas à nossa atuação.

Minha percepção é a de que não conseguimos desacelerar. Estamos cansados e

“Eis uma questão importante para refletirmos: trabalhamos nas nossas organizações para conscientizar sobre a necessidade de retenção dos aprendizados vivenciados no período Covid? Essa atividade é complexa e solicita que a empresa compreenda melhor a sua cultura organizacional, repense estratégias, revise processos internos, revise a gestão de riscos, dentre muitas outras medidas.

De fato, os momentos de crise são palcos de grandes aprendizados, que precisam ser incorporados às estratégias, políticas e procedimentos. Essa é uma questão primordial para a Auditoria Interna trabalhar e agregar valor por meio da conscientização e apoio.”

“A Auditoria Interna é percebida como estratégica nas organizações, agregando inteligência e valor ao negócio? O período da pandemia foi uma grande oportunidade para melhorar o posicionamento ao lado dos gestores e das demais áreas de apoio à governança no enfrentamento das dificuldades. A Auditoria Interna, assim posicionada, é percebida como estratégica, pois demonstra que contribui efetivamente para aumentar valor à organização. Isso não é simples, requer conhecimento do negócio, capacidade de articulação, visão de futuro e uma equipe com as habilidades e competências necessárias para atuar e fomentar a operação das linhas de defesa. Para tanto, duas questões são essenciais: o papel determinante do Chefe da Auditoria (CAE) na estruturação de estratégias específicas; e a identificação de oportunidades para agregarmos mais valor – por exemplo, no exercício da atividade de consultoria e no apoio ao enfrentamento de eventos como a Covid.”

em um novo ano que não é mais novo, pois passou a ser o agora. Diante desse quadro, procuro, a partir deste artigo, trazer breves reflexões para uma análise de perspectivas que nos possibilitem afirmar: “A auditoria está aqui para agregar cada vez mais valor”.

1. A Auditoria Interna é percebida como estratégica nas organizações, agregando inteligência e valor ao negócio?

O período da pandemia foi uma grande oportunidade para melhorar o posicionamento ao lado dos gestores e das demais áreas de apoio à governança no enfrentamento das dificuldades. A Auditoria Interna, assim posicionada, é percebida como estratégica, pois demonstra que contribui efetivamente para aumentar valor à organização. Isso não é simples, requer conhecimento do negócio, capacidade de articulação, visão de futuro e uma equipe com as habilidades e competências necessárias para atuar e fomentar a operação das linhas de defesa. Para tanto, duas questões são essenciais: o papel determinante do Chefe da Auditoria (CAE) na estruturação de estratégias específicas; e a identificação de oportunidades para agregarmos mais valor – por exemplo, no exercício da atividade de consultoria e no apoio ao enfrentamento de eventos como a Covid.

2. Estamos atentos à retenção dos aprendizados gerados no período Covid e a outros eventos de grande turbulência?

Eis uma questão importante para refletirmos: trabalhamos nas nossas organizações para conscientizar sobre a necessidade de retenção dos aprendizados vivenciados no período Covid? Essa atividade é complexa e solicita que a empresa compreenda melhor a sua cultura organizacional, repense estratégias, revise processos internos, revise a gestão de riscos, dentre muitas outras medidas. De fato, os momentos de crise são palcos de grandes aprendizados, que precisam ser incorporados às estratégias, políticas e procedimentos. Essa é uma questão primordial para a Auditoria Interna trabalhar

e agregar valor por meio da conscientização e apoio.

3. O mundo é digital em um oceano de dados – e a Auditoria?

A evolução tecnológica tem sido extremamente rápida e novas ferramentas digitais surgem a cada instante. Há profissionais que possuem dificuldade de acompanhar as mudanças e faltam especialistas no mercado. Em contrapartida, as organizações detêm uma infinidade de dados sobre os quais precisamos compreender necessidades, finalidades, origens, conteúdos e níveis de segurança. Enfim, estamos tratando de um conjunto de riscos, cibersegurança e privacidade, considerados os top 1 e 4, respectivamente, pelo *The IIA's OnRisk: A Guide to Understanding, Aligning, and Optimizing Risk 2022*.

Há aqui importante espaço para a atuação da Auditoria Interna. Não é um trabalho simples – especialmente para as auditorias menores ou que não possuem profissionais da área –, mas não é impossível. O The IIA e o IIA Brasil disponibilizam materiais aos associados para auxiliar no enfrentamento desse desafio, tal como o *Toolkit de Cibersegurança para auditores internos*.

4. A Covid e as atuais gerações estão agregando novas formas e perspectivas de trabalho. As organizações estão pensando em estratégias diferenciadas?

Não tenho dúvidas de que o mais importante ativo intangível das organizações é o capital humano (os colaboradores que se dedicam às mais diversas atribuições). Identificar não só custos, mas investimentos destinados ao mais importante recurso da organização é relevante. Falo de políticas específicas para gestão de talentos, identificação, retenção, motivação, relação humano/tecnologia e sucessão que precisam existir e serem avaliadas. Falhas na gestão de pessoas podem gerar descontinuidade na execução de processos operacionais, perda de conhecimento e riscos à cultura da organização. O *The IIA's OnRisk: A Guide to Understanding, Aligning, and Optimizing Risk 2022* apontou

“A evolução tecnológica tem sido extremamente rápida e novas ferramentas digitais surgem a cada instante. Há profissionais que possuem dificuldade de acompanhar as mudanças e faltam especialistas no mercado. Em contrapartida, as organizações detêm uma infinidade de dados sobre os quais precisamos compreender necessidades, finalidades, origens, conteúdos e níveis de segurança.

Enfim, estamos tratando de um conjunto de riscos, cibersegurança e privacidade, considerados os top 1 e 4, respectivamente, pelo *The IIA's OnRisk: A Guide to Understanding, Aligning, and Optimizing Risk 2022*.

Há aqui importante espaço para a atuação da Auditoria Interna. Não é um trabalho simples – especialmente para as auditorias menores ou que não possuem profissionais da área –, mas não é impossível.

O The IIA e o IIA Brasil disponibilizam materiais aos associados para auxiliar no enfrentamento desse desafio, tal como o *Toolkit de Cibersegurança para auditores internos*.”

“O receio de prestar consultorias, de adentrar no campo da gestão e de, por vezes, fazer perguntas que poderiam, em um primeiro momento, serem percebidas como “básicas e superficiais” ou “sem sentido” para mim eram preocupantes. Mas esses medos já foram bem administrados, vencidos. No que tange ao primeiro tópico, compreendi que a consultoria é essencial para agregar valor. Quando estamos amparados pelo nosso regulamento, focamos em riscos relevantes, controles-chave passíveis de afetar as estratégias e seguimos as normas internacionais de Auditoria não há o que temer. Quanto ao segundo ponto, o estudo prévio para melhor compreender o negócio e os processos operacionais associados, para mim, é o segredo. Vocês já pensaram em seus medos e em como enfrentá-los?”

que, entre os 12 maiores riscos identificados, a gestão de talentos está em segundo lugar, vindo na sequência da cibersegurança. Percebo aqui um ponto fundamental para a Auditoria Interna agregar valor.

5. Já aprendemos a construir pontes?

É relativamente recente a nossa imersão nos parques industriais, emergências dos hospitais, áreas de vendas, corredores das universidades... Enfim saímos de nossas

salas para compreender estratégias, riscos setoriais, organizacionais e processos operacionais, buscando boas práticas e inovação no Brasil e no mundo. Tudo o que nos faça obter dados e informações relevantes que impactam as estratégias organizacionais (e não simplesmente achar “coisas erradas”) tornou-se essencial para o sucesso da nossa atuação. Para tanto, construir pontes, ou relações, é determinante e faz com que sejamos percebidos como parceiros estratégicos – sedimentando a relação com o Conselho, Comitês e Alta Direção. O CAE é o principal responsável por alavancar esse processo e a comunicação eficiente transformou-se em uma habilidade fundamental para esse profissional.

6. Os medos precisam ser enfrentados

O receio de prestar consultorias, de adentrar no campo da gestão e de, por vezes, fazer perguntas que poderiam, em um primeiro momento, serem percebidas como “básicas e superficiais” ou “sem sentido” para mim eram preocupantes. Mas esses medos já foram bem administrados, vencidos. No que tange ao primeiro tópico, compreendi que a consultoria é essencial para agregar valor. Quando estamos amparados pelo nosso regulamento, focamos em riscos relevantes, controles-chave passíveis de afetar as estratégias e seguimos as normas internacionais de Auditoria não há o que temer. Quanto ao segundo ponto, o estudo prévio para melhor compreender o negócio e os processos operacionais associados, para mim, é o segredo. Vocês já pensaram em seus medos e em como enfrentá-los?

Enfim, teria muitas outras reflexões a trazer, mas fica para um próximo momento. Gostaria somente de reforçar que nós, auditoras (es) internas (os), saímos vitoriosas (os) de uma das maiores crises vivenciadas pela humanidade, e com muitos aprendizados. Pessoalmente, o maior deles foi compreender que a força da união entre as pessoas e a nossa capacidade de inovar são reais e fazem a diferença. Exercitemos isso no dia a dia da Auditoria Interna! Desejo às (aos) colegas um excelente 2023! 



 **CIA**[®] Certified
Internal Auditor

CIA - PARTE 3

Conhecimento de Negócios para a Auditoria Interna

INÍCIO DA TURMA EM 10/04



Instituto dos
Audidores Internos
do Brasil

Conheça métodos
para auditar
o complexo
universo
das grandes
empresas
tecnológicas
do mercado
financeiro - as
fintechs.



VALUE AT RISK (VaR) - A AUDITORIA INTERNA E AS EMPRESAS DE *FINTECH*

Por Dane Fernandes

Especialista em Controladoria e Finanças

No âmbito financeiro, o risco é conceituado como a variabilidade de retornos observados de um investimento em comparação com a resposta esperada para ele. Essa variabilidade gera um cenário de volatilidade, caracterizado pela ocorrência de resultados inesperados no valor dos ativos e passivos da organização.

A criação de instrumentos financeiros complexos e a volatilidade dos mercados globais geraram uma demanda crescente por métodos, metodologias e instrumentos de proteção que prevejam ou estimem possíveis perdas no valor de ativos e de carteiras de investimento. A expansão das *fintechs* preocupa os auditores internos pelo modelo de negócio empregado, tendo em vista que a auditoria interna “tradicional” não está realmente preparada para trabalhar nesse ambiente (pelo menos, por enquanto).

Um desses métodos é o *Value at Risk (VaR)*. Trata-se de um procedimento simples, de fácil compreensão e largamente empregado na mensuração da exposição ao risco. São utilizadas ferramentas estatísticas que mensuram, em condições normais de mercado (considerando um certo grau de confiança em um determinado espaço de tempo), a perda esperada máxima de um título ou de uma carteira de títulos.

Em apertada síntese, o VaR sintetiza a maior perda esperada em um determinado período de tempo e em um intervalo de confiança. De

“O *Value at Risk (VaR)* é um método simples, de fácil compreensão e largamente empregado na mensuração da exposição ao risco. São utilizadas ferramentas estatísticas que mensuram, em condições normais de mercado (considerando um certo grau de confiança em um determinado espaço de tempo), a perda esperada máxima de um título ou de uma carteira de títulos. Em apertada síntese, o VaR sintetiza a maior perda esperada em um determinado período de tempo e em um intervalo de confiança. De modo mais formal, o VaR descreve o percentil da distribuição de retornos projetada sobre um horizonte estipulado.”

“As *fintechs* devem mapear ou relacionar cada tipo de posição coberta às séries de dados históricos devidos, e suficientemente granulares, para garantirem a estimativa adequada das possíveis volatilidades dos preços e correlações com outras posições. As séries temporais de *proxy* utilizadas na modelagem VaR devem refletir todas as fontes significantes de risco de preço, incluindo possíveis movimentos de valores impulsionados por mudanças na liquidez do mercado. As escolhas de *proxy* devem ser apoiadas por análise documentada e reavaliadas periodicamente para adequação contínua. Diante disso, nós, auditores, devemos ter sempre em mente que a informação precisa ser relevante para que se possa cumprir a sua finalidade. Isso porque, dessa forma, apresentamos ao mercado a confiabilidade das demonstrações financeiras e dos processos internos para as tomadas de decisões. Certos da importância de nossa função para a administração das entidades, nos manteremos firmes em nosso propósito de exaltarmos a transparência das nossas atividades.”

modo mais formal, o VaR descreve o percentil da distribuição de retornos projetada sobre um horizonte estipulado. Se α for o nível de confiança selecionado, o VaR corresponderá ao $(1 - \alpha)$ percentil da distribuição. Por exemplo, com nível de confiança de 99%, o VaR encontrado deve exceder 1% do número total de observações da distribuição.

Seguindo as recomendações contidas no Acordo de Basileia, o Banco Central editou a Circular nº 3.646/2013 que especifica requisitos mínimos e procedimentos para o cálculo estabelecidos por meio de modelos internos de risco de mercado e do valor diário referente à parcela RWA_{MINT} dos ativos ponderados pelo risco (RWA). Simplificando: essa Circular utiliza o VaR e o sVaR (*stressed VaR* ou VaR estressado) como parâmetros para o cálculo dos ativos ponderados pelo risco (RWA) – mais especificamente em relação à sua parcela que mede as exposições dos bancos ao risco de mercado.

A possibilidade de utilizar diferentes estimativas para a volatilidade e para a distribuição dos retornos abriram as portas ao desenvolvimento de várias metodologias para o cálculo do VaR. Os métodos de cálculo são agrupados em duas categorias principais: métodos paramétricos e métodos não paramétricos (numéricos ou de simulação) – os mais conhecidos são a simulação histórica e a simulação de Monte Carlo. A pergunta que fica é a seguinte: como utilizar a simulação histórica no caso das *fintechs*?

O VaR Paramétrico, também chamado de método analítico, é um cálculo que utiliza rentabilidades estimadas e pressupõe que esses dados seguem uma determinada distribuição probabilística (que pode ser uma log-normal, normal etc.). Nesse caso, os dados reais são utilizados uma única vez para a seleção da distribuição e, após a realização desse procedimento, as informações são descartadas e o cálculo do VaR segue os parâmetros da distribuição selecionada.

A metodologia paramétrica mais conhecida é a delta-normal, que assume que todos os retornos de ativos são normalmente distribuídos. Como o retorno do portfólio é uma combinação linear de variáveis normais, ele também é normalmente distribuído. Esse método consiste na análise histórica dos dados, computando variações e correlações para todos os fatores de risco. O risco da carteira é, então, gerado por uma combinação de exposições lineares a muitos fatores que são assumidos como normalmente

distribuídos e pela previsão da matriz de covariância. Assim, como podemos verificar essa situação no caso das *fintechs*, onde o cliente define, em alguns casos, o seu próprio limite de crédito?

Os benefícios da abordagem não paramétrica, mais especificamente a simulação histórica, incluem a ausência de critério específico para a escolha de alguma distribuição de probabilidade, além do fato dos dados reais fazerem parte da métrica do VaR. Outro ponto forte é a simplicidade do cálculo, pois o modelo não depende de suposições sobre a distribuição dos retornos (nem é necessário supor que eles são independentes) e elimina a necessidade de estimar a matriz de covariância e outros parâmetros já incorporados pela série histórica.

Por outro lado, os seus problemas incluem o fato de assumir que há um histórico suficiente de preços para os ativos da carteira. Além disso, o modelo considera somente uma trajetória amostral, pressupondo que o passado represente o futuro próximo de modo razoável. Se a janela omite eventos relevantes, a cauda não será bem representada. Dessa forma, a amostra pode conter eventos que não se repetirão no futuro.

O guia *Internal Control - Integrated Framework (COSO I)*, publicado em 1992, define Controle Interno como um processo conduzido pela estrutura de governança, administração e por outros profissionais da entidade, que o desenvolvem para proporcionar segurança razoável à realização dos objetivos relacionados a operações, divulgação e conformidade. A estrutura de controle interno, em sua composição clássica, elenca o item mapeamento e avaliação de riscos. Em apertada síntese, o mapeamento de riscos é a identificação dos eventos ou das condições que podem afetar a qualidade da informação contábil. Já a avaliação corresponde à análise e relevância dos riscos identificados, incluindo desde a avaliação de sua probabilidade até a resposta apropriada e suficiente aos riscos identificados.

Em linha com a legislação que trata sobre o assunto, o auditor interno deve tratar de maneira tempestiva as deficiências significativas que ocorrem durante o seu trabalho. O dilema é grande, pois a legislação aplicável ainda carece de esclarecimentos, e, com isso, as atividades podem incorrer em algumas interpretações enviesadas, principalmente quando não se tem dados históricos para embasar o nível de exposição ao risco.

Há muitos desafios regulatórios, fiscais e legais desses empreendimentos tecnológi-

cos financeiros. O auditor interno necessita entender a realidade da empresa de inovação, acompanhar o ritmo acelerado dos negócios e ficar atento às exigências do setor financeiro. Pagamentos, gestão financeira, empréstimos e negociação de dívidas, *crowdfunding*, investimentos, eficiência financeira, *blockchain & bitcoin*, além de seguros, são algumas das verticais existentes que exigirão muito trabalho da Auditoria Interna.

Como os auditores internos poderão realizar a obtenção das evidências de auditoria apropriadas e suficientes para concluir que as demonstrações contábeis estão em conformidade? Como obter segurança razoável quanto ao cumprimento dos objetivos da entidade, em especial com relação à confiabilidade dos relatórios financeiros, efetividade das operações e conformidade com leis e regulamentos? Encontraremos um “oceano vermelho” pela frente e, mais do que nunca, a Auditoria Interna será um “divisor de águas” na entrega da qualidade que o mercado requer.

As *fintechs* devem mapear ou relacionar cada tipo de posição coberta às séries de dados históricos devidos, e suficientemente granulares, para garantirem a estimativa adequada das possíveis volatilidades dos preços e correlações com outras posições. As séries temporais de *proxy* utilizadas na modelagem VaR devem refletir todas as fontes significantes de risco de preço, incluindo possíveis movimentos de valores impulsionados por mudanças na liquidez do mercado. As escolhas de *proxy* devem ser apoiadas por análise documentada e reavaliadas periodicamente para adequação contínua.

Diante disso, nós, auditores, devemos ter sempre em mente que a informação precisa ser relevante para que se possa cumprir a sua finalidade. Isso porque, dessa forma, apresentamos ao mercado a confiabilidade das demonstrações financeiras e dos processos internos para as tomadas de decisões. Certos da importância de nossa função para a administração das entidades, nos manteremos firmes em nosso propósito de exaltarmos a transparência das nossas atividades. 

**O IIA Brasil não se responsabiliza, nem de forma individual, nem de forma subsidiária ou solidária, pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos no texto, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).*



Transformações políticas e econômicas podem modificar o papel do auditor interno a ponto desse profissional ver suas funções oscilarem entre as linhas de defesa?



PRINCIPAIS DESAFIOS DA AUDITORIA EM 2023

Por Rodrigo Abbruzzini*
Head of Corporate Sales na Votorantim

A tentas às últimas mudanças nos cenários político e econômico, as empresas se preocupam cada vez mais em identificar, prevenir e mitigar os riscos que possam abalar a reputação e a relação com todos os seus públicos. Isso significa, literalmente, que elas estão sentindo a necessidade de testar toda a robustez alcançada pela governança aplicada no nosso país nos últimos anos.

Como entusiasta dos modelos maduros de governança, fico muito feliz quando executivos de grandes empresas, inclusive estatais, se pronunciam enfatizando que a governança dessas organizações está fortalecida, garantindo equilíbrio entre os direitos e prerrogativas dos seus acionistas.

Nesse contexto, é importante observar pilares estratégicos que asseguram a autonomia da Auditoria Interna frente aos novos desafios mencionados, tais como: independência; presença de recursos (como investimentos em tecnologia para monitoramento contínuo dos riscos); mandato do CAE (*Chief Audit Executive*); fortalecimento da comunicação com os Conselhos de Administração; e observância às Normas.

Em suma, quero ressaltar que os auditores internos, no atual contexto, não podem ser responsáveis pela execução de atividades de controle. Mesmo que extremamente preocupadas, cabe às empresas compreenderem que o auditor tem a alçada de coletar, examinar e avaliar as informações corporativas, julgando e reportando os resultados ao Conselho de Administração e Comitês de Auditoria (quando constituídos). Às instituições tam-

bém compete garantir permanente canal de comunicação desse profissional com a Alta Administração e livre acesso a quaisquer informações. Essas condutas consentem que o auditor aja corretivamente, de forma apropriada e tempestiva, em resposta às recomendações decorrentes dos trabalhos de auditoria interna e de sua autoridade para avaliar as funções próprias e terceirizadas das empresas.

Garantindo esse ambiente de atuação, a Auditoria Interna, consequentemente e de forma proativa, auxiliará na identificação de riscos e proporcionará elementos que auxiliem no controle interno sem ultrapassar os limites das linhas de defesa. O escopo da atividade de auditoria interna deve considerar todas as funções das instituições, incluindo as terceirizadas. No caso de empresas líderes de conglomerados prudenciais, ele também deve conter as atividades de todas as organizações integrantes do grupo – fato que sensibiliza sobremaneira o plano de auditoria interna.

Os desafios atuais pressionam, na minha visão, um momento de expansão do ecossistema de Governança que reforçará responsabilidades e, por consequência, a importância do papel do auditor nas nossas empresas.

*Contato: [linkedin.com/in/rodrigoabbruzzini-a8175431/](https://www.linkedin.com/in/rodrigoabbruzzini-a8175431/).

**O IIA Brasil não se responsabiliza, nem de forma individual, nem de forma subsidiária ou solidária, pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos no texto, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).

AGENDA IIA BRASIL



Curso AAC

03 e 04 de abril | On-line

Valor: R\$ 2.200,00

19 créditos de CPE

Curso Investigação de Fraudes Corporativas

04 de abril | On-line

Valor: R\$ 1.250,00

09 créditos de CPE

Coso ERM

10 a 13 de abril | On-line

Valor: R\$ 3.000,00

38 créditos de CPE

Curso COSO ICIF

10 a 14 de abril | On-line

Valor: R\$ 3.000,00

48 créditos de CPE

Curso CIA - Parte 3

10 a 14 de abril | On-line

Valor: R\$ 3.900,00

48 créditos de CPE

Curso Audi 1 - Órgãos Públicos

17 a 19 de abril | On-line

Valor: R\$ 2.500,00

28 créditos de CPE

Curso Audi TI 2022

24 a 27 de abril | On-line

Valor: R\$ 2.500,00

38 créditos de CPE



PADRÃO DE QUALIDADE

O Instituto dos Auditores Internos conta com uma equipe de instrutores qualificada que possui alta avaliação de desempenho. Eles passam por constantes análises dos participantes de cada evento administrado pelo IIA Brasil. Suas certificações e históricos profissionais garantem treinamentos com excelente potencial de aprendizagem e absorção do conteúdo ministrado. Saiba mais no [link iabrasil.org.br/cursos/instrutores](http://link.iabrasil.org.br/cursos/instrutores).

Os treinamentos do IIA Brasil são exclusivos para associados. Para detalhes consulte iabrasil.org.br.
As datas poderão sofrer alterações e as turmas cancelamentos por falta de quórum.
Condições diferenciadas para grupos empresariais.
As informações exibidas aqui também podem conter modificações após a publicação da revista.



Normas Globais de Auditoria Interna

Período de comentários públicos
AGORA ABERTO



Instituto dos
Auditores Internos
do Brasil

agenda



*anota em
sua agenda
e inscreva-se!*

Os treinamentos do IIA Brasil sempre foram referência de qualidade e credibilidade em Auditoria Interna.

Com a impossibilidade de oferecer os cursos de forma presencial, devido ao cenário pandêmico, a solução encontrada foi disponibilizar as aulas virtualmente. A escolha de uma boa ferramenta de transmissão e a adaptação dos instrutores foram fundamentais para o sucesso da nova modalidade.

Diante disso, o IIA Brasil venceu a barreira da desconfiança e provou que, tanto presencial como on-line, os serviços oferecidos sempre mantêm a excelência.

Inscrições abertas



ESCANEE O QR CODE
E SAIBA MAIS



Instituto dos
Auditores Internos
do Brasil